

# “TERRITORIALIZAÇÃO” E POBREZA EM SALVADOR – BA

Antonio Mateus de C. Soares<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho analisa a constituição da geografia dos territórios populares de Salvador e a influência exercida pela indústria na sua configuração territorial e forma de inserção no tecido urbano. O primeiro momento do trabalho compreende como as relações entre indústria e urbanização se processaram em Salvador; no segundo momento entenderemos as noções geográficas e sociológicas de território, territorialização e identidade social; no terceiro e último momento destacaremos três referências de constituição popular em Salvador, que se localizam em duas grandes áreas da capital baiana – o Subúrbio Ferroviário de Salvador e o Miolo Urbano: (I) Bairro de Plataforma pela sua riqueza cultural e histórica; (II) Aglomerado de Novos Alagados, uma metástase de Alagados – barracos/palafitas sobre a maré da Baía de Todos os Santos um retrato da crueza habitacional; (III) Complexo de Cajazeiras, uma densa área do miolo de Salvador, heterogênea e espacialmente fragmentada.

**Palavras chaves:** cidade.indústria. território popular

## Abstract

### **Territory and poverty in Salvador – BA**

This paper analyses the construction of the popular territory in Salvador and its influence done by the industry and territorial and urban formation. The first moment of that paper talks about the relationship between industries and urbanism in Salvador, in the record this paper focuses the geography and sociology of the territory and social identity. In the third and last place it focuses the three referencies of the popular constitution of Salvador that are localized in big areas in Salvador train suburb and urban “miolo”: (I) Neighbour “Plataforma” because of its cultura and historic wealth; (II) “Aglomerado de Novos Alagados” poverty over “Baía de Todos os Santos” a photo of the crudelity of population; (III) “Complexo de Cajazeiras” a rough area of Salvador, different and broken.

**Key words** – city. industry. popular territory

## ARTICULAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O presente estudo analisa sócio-espacialmente a constituição histórica de alguns territórios populares em Salvador. O foco de nosso estudo serão dois aglomerados na área do mosaico suburbano e um aglomerado na área do miolo urbano de Salvador. O subúrbio ferroviário possui uma área de 4.145ha, formado por cerca de 22 bairros populares mantenedores de grandes manifestações da cultura afrodescendente, o subúrbio tem

---

<sup>1</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo na USP com créditos nos Programas de Pós-Graduação dos Departamentos de Sociologia da UFSCar e da UNICAMP; Bolsista FAPESP; Orientando da Livre Docente Profa. Cibele Saliba Rizek; Sociólogo UFBA; Urbanista UNEB; Especialista em Gestão Pública Municipal – UNEB/FGV; Membro do Grupo de Pesquisa - Cultura, cidade e democracia: representações e movimentos sociais, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Geraldo D’Andréa (Gey) Espinheira, no CRH/UFBA. E-mail: (amsoares@sc.usp.br)

aproximadamente 500 mil habitantes de acordo com o último IBGE, em sua maioria negros, pobres e com baixa escolaridade, vítimas da maior violência urbana<sup>2</sup> do contexto metropolitano. A outra área em estudo corresponde ao que chamamos de “o miolo de Salvador”, assim denominado desde os estudos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano para a Cidade de Salvador (PLANDURB/1970). Este nome se deve ao fato da região situar-se, em termos geográficos, na parte central do município de Salvador, ou seja, no miolo da cidade. Possuindo cerca de 11.500 ha, ele está entre a BR 324 e a Avenida Luiz Viana Filho – Avenida Paralela – estendendo-se desde a Invasão Saramandaia até o limite Norte do Município. Está área é formada por cerca de 41 bairros que ocupam 35% da superfície da cidade.

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o subúrbio ferroviário passa por um rápido processo de adensamento, sendo local de atração da população do êxodo rural, com algumas fábricas instaladas e com ligação para cidades da área metropolitana, via Avenida Afrânio Peixoto. A expansão era rápida e sem planejamento, novas tipologias e arranjos habitacionais começavam a surgir e adensar-se. Com o crescimento demográfico da década de 1970, o miolo de Salvador, começa a ser percebido como um lugar propício para um futuro adensamento populacional, situação que se concretiza com a abertura da Av/ Luis Viana Filho – Av/ Paralela, em meados de 1970, e a construção do CAB – Centro Administrativo da Bahia.

O relevo acidentado da área suburbana não se configurava como um obstáculo para os que precisavam morar, morros, encostas, tabuleiros e até mesmo o mar da baía de Todos os Santos, começou a ser ocupado pela população de baixa renda. Em meio a este acelerado crescimento urbano, surgem inúmeras ocupações irregulares e focos de resistências culturais, entre estas o Bairro de Plataforma<sup>3</sup>, que em proporções menores já estava presente no contexto suburbano desde o final do século XIX, habitado inicialmente por imigrantes do interior do estado; e, anos depois o aglomerado de palafitas, inicialmente Alagados e depois Novos Alagados – uma área, que mesmo intervencionada por políticas de urbanismo, guarda história e memória. Territórios de manifestações culturais, no qual se assenta a história e a identidade social de suas comunidades, com seus conflitos e limites de influência.

Obedecendo aos reflexos do elevado aumento demográfico, que desde o início se configura especialmente sob o controle da lógica capitalista<sup>4</sup> da apropriação da terra, insurge na área do miolo soteropolitano, sobre um relevo ondulado, constituído por um conjunto de colinas dissecadas entremeadas por vales estreitos e profundos o complexo de Cajazeiras, ocupando uma área de 2000 ha e com uma população estimada em 400.000 habitantes.

Partindo da compreensão de uma Salvador que se segmenta a partir do cruzamento de diversos territórios, que se consolidam a partir da contraposição de configurações e re-configurações que estão presentes desde a fundação da cidade, este estudo problematizará os territórios populares de Salvador, especificamente de casos do Subúrbio Ferroviário e da área do miolo urbano. Desta forma, pontuaremos três momentos neste estudo: uma contextualização de Salvador enquanto cidade de diversos momentos históricos; questões conceituais relacionadas às noções de territórios urbanos, territorialização e identidade popular e o último momento no qual problematizaremos a constituição do bairro de Plataforma, do aglomerado de Novos Alagados (subúrbio) e do Complexo de Cajazeiras (miolo).

---

<sup>2</sup> (ESPINHEIRA, Gey, 2004). **Sociabilidade e Violência:** criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Ministério Público da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.

<sup>3</sup> Uma descrição interessante sobre este bairro é feita In: (SERPA, Ângelo, 2001) **Fala Periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico soteropolitano. Salvador: UFBA, 2001

<sup>4</sup> Ver: (CARVALHO, Ináia M. M. de e PINHO, José Antônio G. 1996) **Duas lógicas em confronto: solo urbano e moradia em Salvador.** In: RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz e AZEVEDO, (org.) A crise de moradia nas grandes cidades. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p. 189-204.

## O PODER DA INDÚSTRIA NA CONFIGURAÇÃO DOS TERRITÓRIOS URBANOS

Salvador é uma cidade de expressiva história colonial, constituiu-se como uma das mais antigas colonizações urbanas da América Latina. Uma cidade de diversos conteúdos culturais e religiosos que lhe confere forte identidade urbana a se refletir nos inúmeros territórios que lhe compõem. Com quase três milhões de habitantes incluindo sua área metropolitana, a cidade de Salvador<sup>5</sup> é uma das mais importantes cidades brasileiras, e, como estas, é objeto de uma reprodução espacial que segue a lógica capitalista<sup>6</sup> de parcelamento territorial separando espacialmente ricos e pobres. Ao se fazer moderna<sup>7</sup>, a antiga cidade do Salvador que desde os primórdios é dividida em cidade alta e baixa, submete-se a um processo de urbanização marcado por uma importante trajetória de configurações e (re) configurações de planos<sup>8</sup> que marcam a expansão urbana e a formação de territórios.

A partir de 1950 do século XX, temos um processo dinâmico de crescimento urbano que se condiciona ao aperfeiçoamento dos meios de transportes<sup>9</sup> e ao início da abertura das primeiras grandes vias de articulação, assim como ao surgimento de algumas indústrias que impulsionaram o desenvolvimento da cidade. Salvador na década de 1950 passa a se constituir como a principal referência nordestina no movimento de ampliação no processo de industrialização moderno iniciado no centro-sul, com a instalação da CHEFS e PETROBRAS na Bahia. Nos anos de 1970<sup>10</sup>, além do crescimento demográfico a cidade sofreu uma série de transformações sociais, administrativas e econômicas, a exemplo: do deslocamento do centro econômico tradicional, que se situava nos Bairros do Comércio, que vai gradativamente perdendo sua função polarizadora com a instalação do Shopping Iguatemi (1975), assim como de novos sub-centros comerciais modernos em outras áreas da cidade; o Centro

---

<sup>5</sup> Salvador é atualmente a 3ª. cidade em número de habitantes do Brasil, ficando após o São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo dados do IBGE (2004) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – São Paulo possui 10.838.581 hab, seguida pelo Rio de Janeiro 6.051.399 hab e Salvador 2.631.831 hab.

<sup>6</sup> Cf. (SOUZA, 2000, p. 55) Na reprodução do espaço sob a lógica capitalista, a segregação espacial sempre existiu, desde os primórdios da metrópole industrial, separando espacialmente ricos e pobres, sendo as áreas mais nobres melhor servidas de infra-estrutura e outros benefícios coletivos e as demais, de certa forma, “largadas à própria sorte”. Portanto, a exclusão social se manifesta no próprio fenômeno da segregação espacial, uma vez que, separando as áreas de moradia na cidade por classes sociais distintas, coloca “de fora” das melhores condições de habitabilidade as populações mais pobres, resultando em acessos diferenciados às benfeitorias e ao conforto urbano.

<sup>7</sup> Cf. SAMPAIO A. H. (1999, p.163) Salvador, já em 1935, perscrutava o rumo das coisas, no sentido e na linha antecipatória do novo, da cidade moderna, baseada num plano de urbanismo global, grandioso e grandiloquente, tal como se concluiu da I Semana de Urbanismo. Entretanto, a efetiva introdução do paradigma moderno só vai acontecer de fato a partir da introdução do EPUCS, em 1943, quando os modelos espaciais para uma Cidade-ideal, vista como totalidade, vão ser incorporados na prática e na teorização sobre a cidade-real.

<sup>8</sup> Salvador em seu processo de urbanização contou com três planos urbanísticos: o trazido por Tomé de Souza, em 1549, séc. XVI, que não pode ser desconsiderado, o EPUCS, iniciado em 1942, e o Plandurb, desenvolvido a partir de 1978.

<sup>9</sup> Cf. (Brandão, 1978, p.160) O processo de expansão horizontal de Salvador foi efetuado em simultaneidade com o aperfeiçoamento dos transportes, pelo desenvolvimento do centro e por fenômenos socioculturais particulares. Embora a crescente demanda de lugares para habitação pudesse ter sido, em grande parte, resolvida pela formatação dos vazios internos do tecido urbano e proximidades, em função da rigidez da estrutura da terra na cidade, o crescimento da periferia foi a tendência predominante. O mecanismo de especulação imobiliária conferiu ao fenômeno uma intensidade muito distinta da que deveria ser a evolução natural.

<sup>10</sup> Cf. (REIS FILHO, N. G. 1996, p. 11) Em relação ao período entre 1945 e 1964, pode se dizer que o impulso econômico e o estímulo à industrialização representado pela Segunda Guerra Mundial se traduziram fisicamente pelo crescimento expressivo de algumas cidades e por um discreto incremento do índice de urbanização que passou de 31,24% em 1940, para 36,16% em 1950.

Administrativo da Bahia (CAB), que se localizava no Centro Histórico é transferido para um moderno conjunto de prédios, localizado na Avenida Paralela – área norte da cidade; a região industrial antes localizada no interior do perímetro urbano, mas especificamente nas imediações do Bairro da Calçada e no Subúrbio Ferroviário<sup>11</sup> – Península de Itapagipe – é transferida para os municípios de Camaçari, compondo o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e para o Centro Industrial de Aratu (CIA)<sup>12</sup>, em uma perspectiva que estabelece uma maior articulação de Salvador com sua região metropolitana.

Com a instalação destes complexos industriais, começaram a surgir bairros residências de classe média e alta para atender a demanda de profissionais que vinham de outros estados (São Paulo e Rio de Janeiro) e da nova classe média local que surgia junto ao desenvolvimento industrial. Estes se localizavam nas proximidades da Orla Atlântica já se direcionando para a área nordeste da cidade. Enquanto isso, as áreas populares da cidade de Salvador cresciam aceleradamente sem acompanhamento técnico, abrigando operários, imigrantes, desempregados e pobres de baixa ou nenhuma renda que eram expulsos das áreas centrais das cidades para às áreas mais distantes.

Neste processo de formação urbano, temos o crescimento de territórios populares e a exacerbação da necessidade de moradia para a população pobre de Salvador, que eram vitimizadas pelos altos preços da terra urbana. O quadro caótico da urbanização de Salvador nos anos da década de 1970 era um reflexo espacial da articulação entre os agentes financeiros, econômicos, políticos, institucionais e ideológicos que marcavam a segregação por classe de renda.

Nesta trajetória de configurações e re-configurações temos a perversa consolidação da segmentação do espaço urbano de Salvador, neste estudo, dividido em “territórios populares” e “territórios abastados”. Desta forma, somam-se ao território abastado da cidade: os bairros tradicionais do Campo Grande, Canela, Corredor da Vitória, Graça, assim como a maioria dos bairros que margeiam a Orla Atlântica da Cidade, Barra, Ondina, Rio Vermelho, Pituba, Itaigara, Alto do Itaigara, Caminho das Árvores, Costa Azul, Stiep etc. Territórios que poderíamos considerar (GORDILHO, 2000) como os da cidade formal, a cidade legal, possuidora de equipamentos urbanos e da atenção dos órgãos públicos. Seguindo as teorizações de (CALDEIRAS, 1997) estes territórios podem ser compreendidos como “ilhas de riquezas”, principalmente a Pituba, Itaigara e Caminhos das Árvores que se organizam como condomínios fechados – “enclaves fortificados”.<sup>13</sup>

Na outra face da moeda os “territórios populares”, compreendidos na maioria dos casos como os espaços informais da cidade, àqueles ilegais juridicamente ou fruto de projetos públicos de reurbanizações populares, são habitados em sua maioria por negros, pobres e desempregados, constituídos pelas áreas situadas ao norte, ao centro e ao oeste de Salvador, compreendidos através dos bairros<sup>14</sup>: Cajazeiras (II, III, IV, V, VI, VII, VIII, X, XI), Fazenda Grande (I, II, III, IV), Boca da Mata<sup>15</sup>, Mussurunga (I,II,III) Parque São Cristovão, Alto do Girassol, Raposo, Carobeira, Cassange, Nova Brasília de Itapuã, área oeste do bairro de

---

<sup>11</sup> O Subúrbio Ferroviário de Salvador é um mosaico atualmente formado por 22 bairros empobrecidos, uma área de aproximadamente 4.145ha, com cerca de 500 mil habitantes, é uma parte da cidade populosa e habitada em sua maioria por negros, privados de um tratamento de políticas públicas de qualidade, com falta de infra-estrutura urbana e serviços. Mas com grandes manifestações e representações culturais.

<sup>12</sup> Ver (CARDOSO, C. R. C., 2004) *Arquitetura e Indústria: a Península de Itapagipe como Sítio industrial de Salvador. Moderna 1891 – 1947. Dissertação de Mestrado – EESC/USP – 2004.*

<sup>13</sup> Ver. (CALDEIRAS, Tereza,1997). “Enclaves fortificados: a nova segregação urbana?”. *Novos Estudos*, São Paulo, CEBRAP, 47, março: (155- 78). 1997.

<sup>14</sup> Cf. (SOUZA, 2000, p. 60) É notória a ausência de grandes equipamentos urbanos nas zonas habitacionais oeste e norte da cidade, **correspondendo ao Subúrbio e Miolo** que, como visto, representam as áreas de moradia da maioria da população com predominância de rendas mais baixas.

<sup>15</sup> Cf. Informações no *site* (<http://www.cajazeira.hpg.ig.com.br>), o complexo formado por nove Cajazeiras, quatro Fazendas Grande e a Boca da Mata, é considerada a maior da América Latina

Itapuã e entorno; Ilha da Maré, Valéria e proximidades; Subúrbio Ferroviário e seus vinte e dois bairros ( aglomerado de Alagados, Novos Alagados, Conjunto Nova Primavera, Baixo de Coutos, Plataforma, Periperi etc.); Pau da Lima ( Invasão Brasilgás, Beco do Bozó e etc); e, outras áreas na região limítrofe do bairro da Liberdade.

Como objetivo de se buscar um desenho geográfico para a localização dos territórios populares de Salvador, pode se dizer que eles se aglomeram principalmente na área oeste composta pelo Subúrbio Ferroviário e na área norte do miolo da cidade, – parte geograficamente central – nas últimas décadas teve uma ocupação mista, mas com predominância de áreas residenciais, nela se localiza o CAB – Centro Administrativo do Estado da Bahia, complexo de órgãos governamentais, inúmeras universidades privadas e concessionárias de automóveis. Nesta parte do tecido urbano observam-se áreas favelizadas, como o bairro da Paz conhecido como das Malvinas e o bairro Novo Horizonte, conhecido como Planeta dos Macacos, e outras como a grande Cajazeiras – um dos territórios destacados neste estudo.

Feito este rápido esboço de situação cronológica e de localização geográfica dos territórios de pobreza e riqueza, abastados e populares, focalizaremos a partir de agora os territórios populares, dando ênfase a três dos inúmeros que se localizam no tecido urbano de Salvador, por serem estes mais consolidados e mais populosos, mas antes disso, para efeito metodológico, definiremos as noções aqui utilizadas de territórios e territorialidade.

## **NOÇÕES DE TERRITÓRIO<sup>16</sup>, TERRITORIALIZAÇÃO E IDENTIDADE SOCIAL**

Dentro deste contexto analítico, seria prudente a pergunta: Por que “territórios populares” e/ou espaços populares? Para além da geografia ortodoxa que supõem um conceito de território circunscrito a um recorte espacial sob a influência de um poder, elegemos um conceito de território que se constitui a partir das práticas e das condições sócio-econômicas de seus habitantes, um ambiente no qual se produz a identidade coletiva de uma comunidade. A noção de território, aqui estabelecida, se aproxima aos entendimentos de (CORREIA DE ANDRADE, p. 213, 2000) que conceitua o território a partir da forma de apropriação de um determinado espaço, por um grupo social – que o transforma pelo uso que lhe destina, e imprime identidades dessa mesma comunidade. Há também aproximação deste conceito com as teorizações de (SANTOS, 2002), onde explicita que “*é o uso do território e não o território, em si mesmo, que faz dele objeto de análise social, o território em questão é o território usado*”. O território não deve ser visto apenas na dimensão do espaço físico, que abriga camadas populares, mas deve resgatar fatos, histórias e práticas do cotidiano das comunidades. Na noção filosófica de território:

*[...] a terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte da territorialização e dos conteúdos sociais, um processo composto de significações elaboradas pelas práticas humanas. O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos que o “territorializa”, um produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos. [...] O território não só assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie, separando-os, mas torna possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes num mesmo meio, especializando-os. Ao mesmo*

---

<sup>16</sup>A primeira concepção de território foi originalmente elaborada pela Etologia, mas precisamente através dos estudos dos naturalistas do final do século XVIII. O território era então concebido com base no comportamento das espécies animais e vegetais como sua localização, distribuição, domínio e defesa de um espaço imediato. A partir desta abordagem o conceito de território é incorporado à logística estatal e, por conseguinte, às análises geográficas

*tempo em que membros de uma espécie compõem personagens rítmicos e que as espécies diversas compõem paisagens melódicas, as paisagens vão sendo povoados por personagens e estes vão pertencendo a paisagem. (DELEUZE & GUATARRI, p. 128, 1997)*

O “território popular” corresponde a um espaço social produzido, que se constitui em face de um contexto de desigualdade social e empobrecimento urbano. A constituição dos territórios populares em Salvador é heterogênea, reflexo da diversidade de práticas culturais e das próprias estratégias criadas para a sobrevivência da população. Como prática social o território é um campo<sup>17</sup> que se constitui em simultaneidade a identidade coletiva dos moradores, que se expressam através de sua cultura e das possibilidades de sua condição socioeconômica.

Somando-se práticas cotidianas, cultura e condição sócio-econômica temos um conjunto de variáveis que sinalizam um *habitus* comum, que estar contido no território na mesma medida que este o contém. O *habitus* comum, produto da territorialidade, estrutura as relações culturais em um território que assenta a identidade social do grupo.

*O habitus é um conjunto de disposições adquiridas que funcionam em estado prático como categorias de percepção e de apreciação ou como princípios de classificação ao mesmo tempo princípios organizadores da ação [...] o habitus produz estratégias que, por mais que não sejam o produto de uma tendência consciente de fins explicitamente apresentados sobre a base de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica pelas causas, são objetivamente ajustadas à situação. (BOURDIEU, 1988, p. 23 e 26)*

O espaço da territorialidade como suporte da identidade e do comporta duas dimensões: a aceção de formação social e a produção coletiva do espaço. Neste sentido, como produto de práticas sociais e políticas que se traduzem em uma “solução própria” para a exclusão urbana, os territórios populares de Salvador são constituídos por um conjunto de regras, códigos<sup>18</sup>, normas e disposições instituídas pelo sistema de representações vigentes no grupo, que dinamizam e fornece um status específico para a população que o habita.

No caso da territorialização de Salvador percebe-se algumas diferenças nas práticas populares de acordo a área da cidade, principalmente entre aquelas bairros que se localizam na área oeste margeando a orla da Baía de Todos os Santos, ou seja, os Bairros do Subúrbio, que possuem peculiaridades socioculturais que os diferem dos bairros da área do Miolo da cidade. Como variáveis que induzem a diferenciação entre estas áreas, podemos considerar a proximidade e a relação com o mar, assim como uma presença mais consolidada da história e cultura afrodescendente, a se expressar nos rituais religiosos e até mesmo no misticismo lendário do Parque São Bartolomeu, que se localiza em grande porção na área suburbana.

Neste sentido podemos afirmar que a idéia de “território popular” não é circunscrita apenas às caracterizações que remetem ao empobrecimento social; precariedade de serviços;

---

<sup>17</sup> Cf. (BOURDIEU, 1989) O “campo” é um recurso metodológico que permite ordenar o real e visualizar a estrutura das relações sociais. Refere-se também à dimensão prática da pesquisa, ou seja, de como encaminhar o processo que envolve a construção e a compreensão do objeto de pesquisa. O campo é, por assim dizer, uma forma de pensar o espaço da ação dos agentes em suas relações histórico-sociais sem a pretensão de se apreender a totalidade absoluta do real e, por outro lado, sem cair no particularismo. Os limites do campo são definidos pelos efeitos exercidos pelos agentes. O campo deve, assim, ser pensado como espaço de luta, de transformação e mudança.

<sup>18</sup> Códigos distintos para cada segmento social fazem a densidade subjetiva de um espaço ser maior ou menor. Estes códigos e signos são construídos pelo próprio grupo à medida que a trama sócio-territorial torna-se difusa mais códigos vão sendo incorporados em uma constante que se orienta pelo tipo de relações travadas.

exigüidade de equipamentos públicos; violência etc., mas também ao fato de que nestes territórios o cotidiano e as práticas das pessoas são mais compartilhadas, assim como as relações de vizinhança que são mais próximas e marcadas por uma luta comum de sobrevivência. As práticas populares, mediadas pelas disposições econômicas e pelo poder do capital, constroem o bairro e os territórios dando significação a forma física e aos conteúdos sociais.

## **O VISLUBRAMENTO EMPÍRICO DE UMA GEOGRAFIA PARTICULAR**

Como “estudos de casos” referenciaremos três territórios populares em Salvador, dois deles no Subúrbio Ferroviário: (I) Bairro de Plataforma pela sua riqueza cultural e histórica sendo um dos primeiros bairros do subúrbio; (II) Aglomerado de Novos Alagados, uma metástase de Alagados – barracos/palafitas sobre a maré da Baía de Todos os Santos um retrato da crueza habitacional e de estratégias de habitar a cidade; e, o último e maior dos três territórios em estudo (III) Complexo de Cajazeiras, uma densa área do miolo de Salvador, heterogênea e espacialmente fragmentada. Estes territórios populares possuem configurações físicas diferentes, mas se aproximam nas disposições de seus *habitus* e de suas territorialidades. O contexto sócio econômico destes territórios é de carências múltiplas.

### **(I) - BAIRRO DE PLATAFORMA: UM FOCO DE RESISTÊNCIA**

A ocupação inicial do território que hoje se localiza o bairro de Plataforma se realizou com a instalação dos primeiros engenhos de cana de açúcar em núcleos próximos, e que mais tarde tornaram-se também estações da rede ferroviária que ligavam os núcleos urbanos do recôncavo à cidade de Salvador. A implantação da via férrea foi decisiva para o desenvolvimento do atual bairro, a partir deste evento foram surgindo pequenos agrupamentos de moradias destinados aos funcionários da ferrovia. A consolidação e expansão do núcleo adveio, porém, da presença do capital industrial, a partir da implantação da Fábrica de Tecidos São Brás<sup>19</sup>, ocorrida na mesma época.

O bairro de Plataforma localiza-se em uma área central do Subúrbio Ferroviário de Salvador, situa-se em um sítio acidentado<sup>20</sup>, com cerca de 58 mil habitantes, o bairro como diversos outros do mosaico suburbano teve em sua origem a presença operária<sup>21</sup>. Com o transcorrer das décadas a população do bairro de plataforma entrou em uma fase crítica de seu empobrecimento, tendo como motivos a falência e respectivo fechamento da Fábrica de Tecidos São Brás seguida pela decadência do transporte ferroviário. Atualmente o bairro se consolida como de área residencial, com uma diversificada oferta de pequenos comércios. Em suas manifestações culturais e religiosas os cultos africanos e os rituais místicos realizados no Parque São Bartolomeu se destacam como ações de consolidação de identidade social. Como “território popular”, o bairro possui uma história que faz parte da origem da história do desenvolvimento industrial da capital baiana, estando conectado à evolução e à natureza da cidade de Salvador.

---

<sup>19</sup> Cf. (SERPA, 1998b) [...] O bairro cresceu a partir da fábrica, especialmente o comércio local. É difícil encontrar em Plataforma alguém que não trabalhou ou tem pelo menos um parente na família que era empregado da indústria de tecidos... “Eu trabalhei na fábrica onze anos e meio e fazia tear. O tear elétrico, de correia... (Zilda dos Anjos Lopes); [...] Tinha feira ali próximo da fábrica; [...] Tinha também uma armazém grande ali do lado da feira onde o pessoal da fábrica fazia compras ... (Ailza Lopes Carvalho)” [...] A referida fábrica pertencia à Companhia Progresso e União Fabril, detentora da propriedade de diversas unidades têxteis em Salvador.

<sup>20</sup> Cf. (CASTAGNO, 1990 apud SERPA, 2001) A localização privilegiada do sítio, próximo ao atracadouro das embarcações e da estação férrea, propiciava um intercâmbio constante de matérias primas, combustível e mão de obra com a Fábrica São João, situada na Enseada dos Tainheiros, na Ribeira

<sup>21</sup> Cf. (SERPA, 1998b) A partir da década de 1950, instalam-se nos antigos bairros operários, novos habitantes vindos do interior do Estado, com o surgimento de habitações precárias e auto construídas.

Plataforma é considerado uma referência para o entendimento da evolução do Subúrbio Soteropolitano, sua população absolutamente formada por afrodescendentes se manifestam de múltiplas formas contra os descasos políticos e compartilham de práticas que constituem sua territorialidade. Estas manifestações se concentram tanto na dimensão da cultural, como na formação de movimentos sociais representados por associações comunitárias que lutam pelos seus direitos. Além de ser um unidade morfológica e estrutural, caracterizada e detentora de uma paisagem urbana e de uma função que se integra as outras partes da cidade periférica que compõe Salvador, o bairro de Plataforma como território popular é também uma foco de resistência, contra a exclusão de classe e de raça, contra o aniquilamento cultural etc.

As dinâmicas e as articulações comunitárias deste território popular é impulsionada pelo um sentimento compartilhado de pertencimento ao bairro, assim como pela presença de grupos sociais organizados: Associação Primeiro de Maio, CEDEP – Centro de Desenvolvimento Popular, Kilombo Kiôio, Associação de Moradores do São Brás, Associação de Mães do Bairro e por instituições escolares como a Escola Estadual Bertoldo Cirilo dos Reis, que se mostram presentes nas manifestações reivindicativas e no estímulo à coesão comunitária. Como lugar de resistência negro-mestiça o bairro realiza movimentos teatrais, estimula através dos grupos organizados a luta pela busca de financiamento para a criação de programas de geração de renda e realiza sempre que necessário passeatas e caminhadas reivindicativas contra a violência<sup>22</sup> policial aos pobres e negros. As ações e práticas realizadas pela população de Plataforma é um clara representação popular que contribui para a constituição de sua identidade territorial, uma prática resultante de um processo sócio-histórico que faz de Plataforma uma referência para os outros bairros do Subúrbio.

## (II)-AGLOMERADO DE NOVOS ALAGADOS: TERRITÓRIO NO MAR

O aglomerado de palafitas de Novos Alagados localiza-se na borda da Baía de Todos os Santos, na península de Itapagipe<sup>23</sup> e nela na Enseada do Cabrito, Subúrbio Ferroviário de Salvador. A *metástase* de Alagados – aglomerado de palafitas iniciado nos anos 40 do século XX, e que chegou próximo a cem mil habitantes nos anos 1970 – constituiu Novos Alagados, com o mesmo aspecto, o mesmo nome, a mesma miséria, onde viveram 11.921 pessoas (IBGE, 1995) em condições subumanas e degradantes em contraste com a beleza natural da enseada e dos bairros do entorno. Habitados por uma população de sem casas<sup>24</sup>, em sua maioria migrantes ou filhos de migrantes do interior do Estado, que vieram tentar a vida em Salvador já há algum tempo, escolheram a área para morar devido à proximidade da Av/ Suburbana e pelo fácil acesso a algumas indústrias que se localizavam na área.

A morada em palafita construída sobre a maré na Baía de Todos os Santos, consiste em um artifício habitacional de utilização inadequada do espaço aquático, que flagra nitidamente a precariedade da política habitacional do Estado da Bahia; explícita, por outro

---

<sup>22</sup> Ver (SOARES, A. M. 2004). Violência, Crimes e Jovens Empobrecidos. In: ESPINHEIRA, Gey (org). **Sociabilidade e Violência:** criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Ministério Público da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.

<sup>23</sup> Cf. CARDOSO, C.R.C (2004, P. 132), em Dissertação de Mestrado EESC/USP, a área da Península de Itapagipe tem importância histórica, principalmente por guardar inúmeras relações com o processo de industrialização de Salvador.

<sup>24</sup> Vale ainda acrescentar que muitos dos atuais moradores de Novos Alagados, foram antigos moradores de Alagados, que mesmo sendo relocados para conjuntos habitacionais retornaram para a vida em palafita, o motivo do retorno pode ser justificado por uma não adaptação gerada pelo seu próprio ritmo social anterior e pelos custos adicionais ( água, luz, IPTU etc) da cidade formalizada, situação que fez com que alguns poucos moradores vendessem sua unidade habitacional e retornassem para o aglomerado. Ver (SOARES, A. M. de C.,2004)



lado, a pobreza da população operária de Salvador. A palafita<sup>25</sup>, como engenharia e arquitetura, configura um arranjo habitacional marcado pela insalubridade, o que nos leva a considerá-la como uma tipologia habitacional de risco<sup>26</sup>, em que as possibilidades de ocorrência de desastres são consideravelmente maiores do que nas moradias estabelecidas sobre a terra. Além da suscetibilidade de imersão na maré, a palafita mostra-se frágil estruturalmente, construída com restos de madeiras, sendo necessário uma manutenção constante do barraco; além deste aspecto, ela não protege totalmente seus moradores do frio e da chuva, nem tampouco das balas perdidas, tão comuns em espaços de grande violência.

Habitantes de um território popular, tendo em vista que a noção de território transcende a existência de terra firme os moradores das palafitas expressam uma variedade de práticas cotidianas que refletem o seu ambiente de morada e constituem uma territorialidade própria; nessas práticas percebe-se claramente o envolvimento do morador da palafita com o ambiente da maré, como se efetivamente fizesse parte daquele ecossistema; este envolvimento vai além da simples utilização para morada e ganha dimensão de enraizamento produtivo, no instante em que os moradores utilizam-se daquele ambiente como meio de obtenção de alimentos para autoconsumo e de pesca e mariscagem para a comercialização. Ao mesmo instante que produzem uma sociabilidade constituidora de uma identidade coletiva eles constroem sua territorialidade; nessas práticas percebe-se claramente a interação do morador da palafita com o território impalpável<sup>27</sup> da maré e com o seu vizinho, efetivamente juntos naquele ecossistema, sistematizador de um *habitus* comum.

Segundo Certeau, (1996, p.82), “as práticas são também determinadas pelo meio em que os indivíduos estão inseridos”. As relações com o ambiente da maré elaboram práticas e rituais que se desenvolvem entre os moradores das palafitas na constituição das identidades e no desenvolvimento do sentimento de pertença, a exemplo o rito da construção das palafitas (mutirão) e das passarelas comuns a todos; mas também a pesca, a mariscagem, os banhos de mar, os mergulhos lúdicos, e os festejos com a chegada da maré de março. A territorialidade construída no aglomerado de palafitas, estrutura as relações culturais que assenta a identidade social do grupo que se re-elabora constantemente pela constituição de limites de influência circunscrita ao grupo e as significações humanas que constituem o *eu* e o *outro*, tais como a cultura, a história, as práticas cotidianas e suas subjetividades.

### (III) OS TERRITÓRIOS POPULARES DO MIOLO DE SALVADOR

Com cerca de 11.500 ha, como já mencionado na introdução deste estudo, a área do miolo concentra uma grande parte dos territórios populares de Salvador. As antigas fazendas: Fazenda Jaguaribe<sup>28</sup> de Cima, também conhecida como Fazenda Grande, a Fazenda Cajazeiras, a Fazenda Boa União e a Chácara Nogueira etc., que compunha esta gleba começaram a serem desapropriadas<sup>29</sup> em 1975 por meio de decreto estadual, para ceder lugar aos inúmeros cercamentos com finalidade de construção de moradias populares.

---

<sup>25</sup> Cf. ( SOARES, Antonio M. e ESPINHEIRA, Gey, 2004) As dificuldades deste tipo de moradia são múltiplas, não há qualquer tipo de infra-estrutura (água encanada, esgoto, etc.). A situação de pobreza é generalizada, mas a palafita facilita a possibilidade de se territorializar sobre a água, já que o acesso à terra firme é dificultado pela especulação imobiliária e pelo baixo poder aquisitivo da população. Assim as palafitas de Novos Alagados se constituem como moradias, mesmo insalubre, o aglomerado se configura como uma alternativa dos que não têm acesso a terrenos urbanos convencionais ou favelados, para milhares de pessoas que se encontram desprovidas da condição de viabilização imobiliária formal ou informal.

<sup>26</sup> Áreas que geram alto risco de segurança aos seus ocupantes (Direito à cidade – SAULE, Nelson)

<sup>27</sup> No mesmo sentido do “território impalpável” de Alain Corbin, In: **O Território do Vazio** – A praia e o imaginário Ocidental (1989)

<sup>28</sup> Segundo as entrevistas realizadas na comunidade as terras desta fazenda pertencem a Dona Honorata de Jesus, filha de Manoel Leucádio de Jesus, na condição de herdeira Dona Honorata, reclama ainda hoje a posse de suas terras na justiça.

<sup>29</sup> Para realizar esta integração o governo do Estado desapropriou um total de 16 milhões de m<sup>2</sup>, absorvendo áreas nas proximidades da BR-324, na altura do Supermercado Makro, até o km 5 da Estrada Velha do Aeroporto, limitando-se com os

Nesta dinâmica de desapropriação, seguida de cercamentos e respectivas construções habitacionais, temos o início de um dos maiores espaços populares de Salvador, o bairro de Cajazeiras<sup>30</sup> – projetado para receber um contingente aproximado de 100.000 habitantes, possui hoje mais de 400 mil habitantes, ocupando uma densa área de 2.000ha, quase 20% da área do miolo. Construído como um dos integrantes das grandes intervenções que permitiria o mínimo de habitabilidade à população favelizada<sup>31</sup> de Salvador, Cajazeiras, geograficamente “bem posicionada”, para o discurso governamental, possibilitaria a consolidação estratégica de núcleos já existentes (Sete de Abril, Presidente Castelo Branco e Pau da Lima), somando ao projeto Narandiba e Cají, consolidando assim, a faixa leste do miolo, ao longo do eixo viário constituído pela Avenida Luís Viana Filho – Av/ Paralela.

Como um estudo de caso, que nesta análise representa um dos territórios populares de Salvador, Cajazeiras constitui-se como uma das maiores áreas periféricas da cidade soteropolitana, por conseguinte, de pouco valor imobiliário, desarticulada do tecido urbano central, e com um péssimo serviço de transporte coletivo, seguido por grandes deficiências estruturais e de serviços urbanos. Fazendo uma visita de ônibus ao Complexo de Cajazeiras, seguindo o trajeto que centenas de moradores fazem diariamente, (Estação da Lapa – Cajazeira), se percebe como é cansativa a distância do aglomerado para o tecido urbano central, e ainda, que o complexo das Cajazeiras não conseguiu resolver o problema habitacional soteropolitano, como se pretendia no discurso, o seu projeto foi executado de forma arbitrária aos planos divulgados inicialmente, prática ainda presente nas construções dos inúmeros conjuntos habitacionais em Salvador<sup>32</sup>, como exemplo Araçás I, II e Conjunto Nova Primavera, localizados no Subúrbio Ferroviário.

Para além do descaso político e governamental de Cajazeiras, há vestígios de uma territorialidade popular e identitária, lembrando que o conceito de território utilizado neste estudo transcende a variável física e espacial. Em Cajazeiras, assim como no Bairro de Plataforma e no Aglomerado de Novos Alagados<sup>33</sup>, percebemos que além de um descaso político generalizado que exacerba a condição de pobreza urbana<sup>34</sup> das áreas, há uma constituição de marcas positivadoras da territorialidade cultural. No caso do complexo de Cajazeiras nos remetemos às comunidades quilombolas que residiam antigamente<sup>35</sup>, e que gradativamente estão sendo restituídas no imaginário popular dos moradores, a se refletir no reconhecimento social de um símbolo histórico: a Pedra do Buraco do Tatu, considerada como um ícone que marca a cultura de uma comunidade quilombola que residia na área.

Em Cajazeiras a manifestação de sentimento identitário com a Pedra do Buraco do Tatu, se explicita no momento em que se percebe uma mobilização social em defesa de um possível retirada da pedra para a abertura de uma via pública, no ato social reivindicatório a comunidade de Cajazeiras implicitamente legitimou a pedra como símbolo, um ícone sagrado de reminiscência quilombola, lembrança de comunidades afrodescendentes reconhecidas na

---

bairros de Castelo Branco e Nova Brasília e atravessando o Golfe Clube. Nascia assim o Projeto Urbanístico Integrado Cajazeira.

<sup>30</sup>Os bairros que integram diretamente à área de influência do território de Cajazeiras, são: Águas Claras, Castelo Branco, Pau da Lima e Fazenda Grande de Cajazeiras.

<sup>31</sup> Cf. A crise de 1980, a falência do Banco Nacional de Habitação – BNH, põe fim aos recursos direcionados às grandes obras de construções habitacionais, e deixa também um imenso contingente de trabalhadores da construção civil, provindos da zona rural, que permaneceram no centro urbano para fazer firmar a explosão das incontáveis favelas e invasões que surgiam a cada dia no município.

<sup>32</sup> (SOARES, Antonio Mateus de C. & ESPINHEIRA, Gey.2004). **Das Favelas aos Conjuntos Habitacionais**. In: ANAIS e CD RON do Seminário Internacional NUTAU/USP 2004 – Demandas Sociais, Inovações Tecnológicas e a Cidade – Universidade de São Paulo – São Paulo, 2004.

<sup>33</sup> Atentos às disparidades cronológicas e históricas e até mesmo de consolidação espacial geográfica

<sup>34</sup> Estas duas variáveis: descaso político e pobreza urbana relacionadas, podem ser utilizadas na contextualização conceitual do termo *popular*

<sup>35</sup> Ver (BARBOSA, Nelma, 2006) Estudos sobre a constituição da Identidade Cultural em Cajazeiras. In: Pesquisa no Mestrado Sociedade e Cultura. FACOM/UFBA, Salvador, 2006.

história brasileira como grupos coesos e representantes de focos de manutenção cultural e resistência africana.

Assim como Cajazeiras, outros bairros adjacentes como Águas Claras, Castelo Branco, Pau da Lima e Fazenda Grande de Cajazeiras etc., possuem ritos de instaurações que constituem uma territorialidade reflexo de uma prática cultural pretérita.

## À GUIA DE UMA CONCLUSÃO REFLEXIVA E INACABADA

A produção da cidade e os processos de evolução urbana dentro da lógica do capitalismo imperante segmentam a cidade e a divide em territórios que possuem um estilo próprio de urbanização. Neste trabalho, nossa preocupação maior foi com os “territórios populares” de Salvador, situando sua dimensão física na esfera dos conteúdos sociais e vice-versa.

Em Salvador, a área geográfica dos territórios populares ocupa cerca de 60%<sup>36</sup> da cidade, suas maiores porções se manifestam no Subúrbio Ferroviário de Salvador e na área norte da cidade considerada o Miolo Urbano, contabilizando também àquelas áreas que ficam encurraladas entre bairros de classe média, a exemplo de Calabar, Nordeste de Amaralina e etc. Os territórios populares podem ser entendidos como espaços, nos quais as condições de vida são precárias e neles imperam uma baixíssima presença do Estado. A desigualdade social como uma variável que se reflete no território gera espaços onde a situação de pobreza é homogênea, mas as práticas populares de se lidar com ela são bastante diversificadas, a exemplo das referências utilizadas: (I) Bairro de Plataforma; (II) Aglomerado de Novos Alagados; (III) Complexo de Cajazeiras. Espaços pobres, que apresentam características comuns entre si no que diz respeito à deficiência de acesso a equipamentos públicos e serviços.

O território é uma parte constitutiva da situação social em que encontram diversos grupos sociais na cidade, nos casos de Plataforma, Novos Alagados e Cajazeiras, percebemos que as práticas e os conteúdos sociais estão presentes na territorialização dos espaços, às comunidades destes territórios compartilham suas histórias e seus *habitus*, construindo assim uma identidade social que expressam suas vidas e suas formas de se apropriar do espaço. Uma cidade, um território popular, diz muito sobre seu povo, pois são suportes criados pela coletividade para a manutenção desta mesma coletividade, em seus conflitos e limites, contudo compartilhando das mesmas estratégias de sobrevivência.

Plataforma possui uma condição infra-estrutural mais estável, do que o Aglomerado de Palafita, contudo a propriedade dos seus terrenos ainda é um problema para a comunidade<sup>37</sup>, pois ainda eles não possuem documentação de suas casas, impossibilitada pela família antes dona da gleba; em Cajazeiras, um complexo habitacional de arquitetura frígida, com unidades habitacionais padronizadas como caixotes desprovidos de criatividade humana, o problema da propriedade jurídica dos imóveis ainda inquieta a população. Assim concluímos que mesmo com os diferentes problemas que existem entre os territórios populares referenciados, é importante enfatizar que suas aproximações estão na esfera de suas práticas sociais e no compartilhamento de estratégias para continuarem de uma forma ou de outra a ter acesso à cidade. Práticas e estratégias que se somam a história de luta de cada grupo e lhes conferem identidade territorial, mesmo que estes “territórios” não sejam totalmente integrados na

<sup>36</sup> Cf. (FERNANDES, Rosali B.) **Processos recentes de urbanização em Salvador: O Miolo, região popular e estratégia das cidades.** *Biblio 3W, Rev. Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 523, 20 de Julio de 2004. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-523.htm>]. [ISSN 1138-9796]

<sup>37</sup> Cf. (SERPA, 2001) A população de Plataforma sofre com o velho problema da concentração da terra urbana, explicitada no embate entre os moradores e a família Martins Catharino, que intitula-se dona das terras, explorando os primeiros através de cobrança de taxa do aluguel da terra.

dimensão formal do tecido urbano de Salvador, eles são *lócus* de sobrevivência e de práticas humanas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Thales de. **Povoamento da Cidade de Salvador**. 2ª. Edição. Editora Nacional, São Paulo, 1955.

ALMEIDA, Tania Ma. Scofield de S. **CAJAZEIRA. Planejamento, processo de ocupação e contradições: um percurso entre os discursos e as práticas que configuram o território de Cajazeiras**. Dissertação de Mestrado FAU/UFBA, 2005.

BARBOSA, Nelma. **Estudos sobre a constituição da Identidade Cultural em Cajazeiras**. In: Pesquisa do Mestrado Sociedade e Cultura. FACOM/UFBA, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Teoria da Ação**. Campinas. Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Cosas Dichas**. Buenos Aires. Gedisa. 1988.

CAJAZEIRAS – O crescimento desordenado de um bairro desordenado. (<http://www.cajazeira.hpg.ig.com.br>)

CALDEIRAS, Tereza. **“Enclaves fortificados: a nova segregação urbana:”**. Novos Estudos, São Paulo, CEBRAP, 47, março: (155- 78). 1997.

CARLOS, A. F. A. **A questão da habitação na metrópole de São Paulo**. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm. 146(046). <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(046\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(046).htm)> [ISSN: 1138-9788]

CARLOS, Ana Fani. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto. 1999.

CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. **Arquitetura e Indústria: a Península de Itapagipe como Sítio industrial de Salvador. Moderna 1891 – 1947**. Dissertação de Mestrado – EESC/USP – 2004.

CARVALHO, Ináia M. M. de e PINHO, José Antônio G. **Dois lógicas em confronto: solo urbano e moradia em Salvador**. In: RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz e AZEVEDO, (org.) A crise de moradia nas grandes cidades. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p. 189-204.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel – **Teoria e método no estudo das práticas cotidianas**. In: Cotidiano, cultura popular e o planejamento urbano, São Paulo, FAU – USP, 1985.

CORREIA DE ANDRADE, Manoel. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; et all. **Território, Globalização e Fragmentação** – São Paulo: ANPUR, 2002.

CORBIN, Alain. **O Território do Vazio** – A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34. 1996.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 43. Rio de Janeiro: Editora 34. 1997.

- ESPINHEIRA, Gey. **Salvador: A cidade das desigualdades**. Cad. CEAS, Salvador. 1999.
- ESPINHEIRA, Gey. **Salvador: Província e Metrópole**. In: Debate Cenpes. Ano 2. no. 7. Salvador: CENPES, 1986.
- ESPINHEIRA, Gey (org). **Sociabilidade e Violência**: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Ministério Público da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.
- ESPINHEIRA, Gey. Salvador a cidade da desigualdade. In: MONTOYA URIARTE, Urpi, ESTEVES JÚNIOR, Milton (orgs.). **Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade**. Salvador: EDUFBA, 2003.
- FERNANDES, Rosali B. **Processos recentes de urbanização em Salvador**: O Miolo, região popular e estratégia da cidades. *Biblio 3W, Rev. Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 523, 20 de julio de 2004. [<http://www.ub.es/geocrit/b3w-523.htm>]. [ISSN 1138-9796].
- MONTOYA URIARTE, Urpi, ESTEVES JÚNIOR, Milton (orgs.). **Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade**. Salvador: EDUFBA, 2003.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- REIS, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil – 1500/1720**. São Paulo, Ed. Pini, 2000.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Urbanização e Planejamento no Brasil - 1960/1983**. In: Cadernos de Pesquisa do LAP 11. AUH/FAU/USP, São Paulo, 1996.
- SAMPAIO, Antonio Heliodório L. **Formas Urbanas: Cidade Real & Cidade Ideal**. Salvador. Quarteto Editora/PPG/AU, Faculdade de Arquitetura da Ufba, 1999.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5a. Edição. – SP: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. e SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Rio de Janeiro: Record. 2001.
- SANTOS, M. **O centro da cidade de Salvador**. Salvador: UFBA, 1959.
- SANTOS, M. O retorno do território. In: In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; et all. **Território, Globalização e Fragmentação** – São Paulo: ANPUR, 2002.
- SCHEINOWITZ, A. S. **O macro-planejamento da Aglomeração de Salvador**. 1996
- SERPA, Ângelo (org). **Fala Periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador – 2001.
- SERPA, Ângelo. **Os não lugares de Salvador**. Salvador: Jornal Soteropolis, 1999
- SERPA, Ângelo. **A Urbana baianidade, baina urbanidade**. Salvador: Ufba, 1998b.
- SOARES, Antonio Mateus de C. Violência, Crimes e Jovens Empobrecidos. In: ESPINHEIRA, Gey (org). **Sociabilidade e Violência**: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Ministério Público da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.
- SOARES, Antonio Mateus de C. & ESPINHEIRA, Gey. **Das Favelas aos Conjuntos Habitacionais**. In: ANAIS e CD RON do Seminário Internacional NUTAU/USP 2004 – Demandas Sociais, Inovações Tecnológicas e a Cidade – Universidade de São Paulo – São Paulo, 2004.
- SOARES, Antonio Mateus de C. & ESPINHHEIRA, Gey. **Deserdados do Mar e Segregados na Terra**. Relatório de Pesquisa Pibic/CNPQ ( 2002-2003). CRH/UFBA, 2003.

SOARES, Antonio Mateus de C. **O merchandising urbano: cidade-mercadoria, arte e indústria cultural.** In: Anais do 1. Seminário Arte e Cidade, Salvador, FAU/UFBA, 2006.

SOARES, Bruno e SERPA, Ângelo. **As relações entre manifestações culturais, identidade social e urbanização popular: o Ilê Aiyê e a Berimbala no Curuzú e a Festa dos Reis em São Tomé de Paripe.** Relatório Parcial do Pibic/Cnpq, 2006

SOUZA, Angela Ma. Gordilho. **Limite do Habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectiva no final do século XX.** Salvador, EDUFBA, 2000.

SOUZA, Ângela Ma. Gordilho. **Mudanças urbanas em Salvador no final do século XX.** Revista BAHIA ANÁLISE & DADOS. Salvador – BA, SEI. v . 4, p. 53-73, 03/ 2000.

SOUZA, Cristiane Santos. **Percepção e Produção Estética** – Configuração do modo de vida em Novos Alagados no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Dissertação de Mestrado. FFCH/UFBA, PPG, Salvador, 2002.

SOUZA, Carolina B. P. de. **Movimentos Sociais no Brasil nas Décadas de 70 e 80** – uma perspectiva teórica. Trabalho de Conclusão da Disciplina FLS/6049 – Movimentos Sociais e Realidades. FFLCH/USP, 2005.

Recebido em maio de 2006

Aprovado em dezembro de 2006